

O apagar das luzes: editorial, Volume 15

Lights Out: editorial, Volume 15

Al apagarse las luces: editorial, Volumen 15

Júlia Vargas

Mariana de Carvalho Ilheo

<https://doi.org/10.20396/proa.v15i00.21115>

PROA


revista de antropologia e arte

editorial volume 15 | e025032



O apagar das luzes: editorial, Volume 15

Júlia Vargas


 <https://orcid.org/0000-0003-1029-6661>

> juliavargasb.jv@gmail.com

Doutoranda em Antropologia Social

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Mariana de Carvalho Ilheo

 <https://orcid.org/0000-0002-3012-7649>

> marianadecarvalhoilheo@gmail.com

Doutoranda em Antropologia Social

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

O ano de 2025 foi especialmente marcante para a Proa: Revista de Antropologia e Arte, e é com muita alegria que encerramos mais um ciclo. Junto de nossos autores, leitores e demais colaboradores, vivemos um ano repleto de atividades, publicações instigantes e, claro, de muito diálogo entre a Antropologia e as mais diversas expressões artísticas. Seguindo o modelo de publicação contínua, a revista publicou contribuições sobre diferentes temas, formatos e experiências, com destaque para o Dossiê “Trabalho sexual e movimentos de trabalhadoras sexuais: Arte e política” que brilhantemente integra o Volume 15.

A coletânea, que antes mesmo de finalizada já se destacava como um sucesso, foi coordenada por Natânia Lopes, Gabriel Morais Medeiros e Amara Moira; a quem gostaríamos de registrar, mais uma vez, nossos sinceros agradecimentos pelo trabalho conjunto ao longo deste processo. Além de uma experiência prazerosa, também foi um grande aprendizado trabalhar com intelectuais tão dedicados e relevantes no campo das Ciências Sociais, da Antropologia e dos estudos de gênero e sexualidade.

A partir desta ilustre parceria recebemos um recorde de submissões, produzidas por ativistas, trabalhadoras sexuais, pesquisadores, estudantes e artistas interessados no tema do trabalho sexual e em contribuir com nosso periódico. Assim, gostaríamos de agradecer a todas as pessoas autoras e também pareceristas *ad hoc* que contribuíram com a realização desse projeto, que tanto nos orgulha. Essa publicação se desdobrou ainda em debates importantes, realizados em duas ocasiões: a participação da Proa: Revista de Antropologia e Arte no evento Quartas de Antropologia - seminário mensal organizado pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UNICAMP -, no mês de outubro; e a realização de um Seminário para celebrar o Encerramento do Dossiê, em dezembro. Este último contou com a parti-

cipação da coordenação do Dossiê e das pessoas autoras da coletânea, em um encontro que resultou na partilha de experiências e na exposição dos trabalhos publicados.

Diante da repercussão, do volume de materiais e dos debates produzidos, estamos certas de que esse Dossiê será (já é) uma importantíssima coletânea no campo dos estudos sobre antropologia visual, trabalho sexual, gênero e sexualidade no Brasil. Isto não apenas pela qualidade dos trabalhos publicados, mas também por seu caráter político e socialmente comprometido; características que, durante nossa gestão à frente da editoria da Proa, consideramos fundamentais para a construção de uma antropologia e de uma prática editorial cada vez mais engajada e sensível diante dos temas e grupos historicamente vulnerabilizados.

*

Como é tradição na Proa: Revista de Antropologia e Arte, cada volume tem seu conceito e identidade visual próprios. Para este ano, inspirada pelo tema do Dossiê, a capa escolhida, elaborada por Júlia Vargas, contou com a fotografia de Laráh Lyss (registrada por Paloma Graziella), a quem muito agradecemos pela gentil contribuição e permissão para o uso da imagem. Em relação à diagramação, as cores neon em conjunto com a tipografia marcante compuseram um contraste com o preto e o grafite, formando um jogo de luzes que buscou remeter à “mistura do som, da luz neon e o excesso de estímulos” (Silva, 2025, p. 7) sensoriais das casas noturnas e dos *puteiros*, como aqueles fotografados por Renzo Gostoli (2025) em seu ensaio visual ou descritos por Melissa Silva em seu relato de experiência, ambos publicados neste volume. Não obstante, as cores vibrantes em contraposição às sombras também buscaram aludir à vivacidade e aos prazeres que, apesar do estigma, das violências e dos desafios, também se fazem presentes no cotidiano do trabalho sexual e do putativismo, como Vânia Rezende nos ensina em seu poema “Mulher da vida”:

Me chamam de puta, rapariga, quenga, meretriz, garota de programa, profissional do sexo, messalina, Dama, trabalhadora sexual, mulher da vida fácil.

Vida fácil? Kkkk, vida vivida, vida estigmatizada, vida marcada como o ferro que fere as entranhas,

Vida feliz, feliz sim porque mulher é vida e toda mulher é mulher da vida (Rezende, 2025, p. 3).

*

Além dos dezenove trabalhos e texto de apresentação que compõem o Dossiê “Trabalho sexual e movimentos de trabalhadoras sexuais: Arte e política”, ao longo deste ano, a Proa: Revista de Antropologia e Arte publicou outros três artigos, sete ensaios visuais e audiovisuais (distribuídos entre as seções “Galeria” e “Ensaio (Áudio)Visuais”) e um Relato de Experiência.

O primeiro artigo publicado no Volume 15, “Por que eu me monto?: Os sentidos da arte transformista no Distrito Federal”, de Rafael Godoi, apresenta uma análise de quarenta entrevistas realizadas com *drag queens* no Distrito Federal, a partir de um olhar atento às dinâmicas sociais, econômicas, simbólicas e políticas do fazer artístico na cultura transformista e LGBTQIA+ da região. Ele resulta de uma pesquisa mais ampla, que identificou uma série de dados e indicadores socioeconômicos sobre as e os artistas locais, bem como os processos e trajetórias individuais, compreendendo ainda as relações com o Estado e as políticas de fomento cultural. O texto evidencia como as práticas da arte transformista adquirem sentidos diversos entre as *drag queens*, e expressam formas de resistência e de processamento das experiências de violência e discriminação, revelando sua importância para a afirmação de identidades individuais e coletivas.

Na sequência, o artigo “Objetivando um mundo sonoro: lugares, pessoas e objetos no ritual de produção musical” apresenta resultados da tese de doutorado de Daniel Wainer, uma pesquisa multissituada realizada entre 2017 e 2018, junto a camadas médias da população das cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, somada à sua experiência no estúdio musical *Space Blues*. O seu objetivo é aproximar os estudos sonoros, os estudos sobre rituais e cultura material, de modo a refletir sobre a materialização dada a partir da circulação de referenciais estéticos, instrumentos e elementos em meio a um campo institucional. O último texto desta seção também dialoga com o campo da etnomusicologia, e amplia a noção de paisagem fonográfica ao se debruçar sobre a produção audiovisual a partir de uma análise fílmica. Assinado por Vinícius Teles Córdova e intitulado “Sons e ruídos de um futuro negro: uma chave de leitura para o poder destrutivo da música em *Space is the Place*”, o artigo se propõe a pensar na relação entre sons e imagens desde uma perspectiva afrofuturista, tematizando a construção entre as tensões entre música e a noção de barulho.

Abrindo a seção Galeria temos o ensaio “Gira, Pombagira, Gira!”, no qual Jean dos Anjos, através de suas fotografias e de uma etnografia de longa duração, apresenta de forma poética a energia pulsante da Rainha Pombagira Sete Encruzilhadas, incorporada pelo Pai Valdo de Iansã no terreiro Cabana do Preto Velho da Mata Escura, em Fortaleza (CE). Em seguida, publicamos “Os retalhos de Mardina”, um sensível e potente ensaio visual de Isabella Alves Guimarães. No texto, a autora nos apresenta um livro bordado por ela mesma, que narra, através de suas tramas, as histórias de mulheres de três gerações, desde a perspectiva de uma personagem que surge de um processo criativo autoetnográfico e aponta para possíveis linhas de fuga para narrativas sobre violências e racismos no campo da Antropologia. O ensaio foi vencedor do Prêmio Mariza Corrêa de Antropologia Visual de 2024, na categoria “Desenhos, colagens e outros suportes”. Também participaram da premiação outros textos que foram publicados na seção Ensaio (Áudio)Visuais deste volume, que contempla um conjunto de materiais que chamam atenção para as nuances da vida cotidiana entre distintas comunidades.

No primeiro trabalho intitulado “Saberes do taboal: fotoetnografia com artesãs e artesãos quilombolas”, Leonardo Vidal aborda conflitos em torno do manejo da taboa, os saberes mobilizados e as etapas do ciclo de produção de artefatos artesanais no Quilombo Campinho da Independência, em Paraty (RJ). Em “‘Aniversário Vó Natália’: vinte anos depois”, Tayná Almeida revisita as memórias familiares e a casa de sua bisavó, em Belo Horizonte (MG), através de um material audiovisual gravado em DVD que reflete o passado comum e aponta possibilidades futuras da existência coletiva.

Em seguida, Vitória Perfeito apresenta “Desenhando os mercados de histórias em quadinhos em Porto Alegre”, em que discute dois circuitos artístico-mercantis por onde acompanha o fluxo de HQs na capital gaúcha, pensando em sua circulação entre sebos, gibiterias e feiras e na interação entre quadrinistas, editores, lojistas e consumidores. O seu objetivo vai além de reflexões teórico-metodológicas e pretende evidenciar as redes de relações entre humanos e não-humanos que agenciam as trocas empreendidas a partir dos desenhos.

No trabalho “A mágica do timbó: pescaria coletiva no igarapé de águas vermelhas”, Mariam Daychoum aborda através de imagens a realização de um evento especial para a comunidade de Matapí, situada às margens do Rio Tiquié, na Terra Indígena Alto do Rio Negro, anunciado pelo título do ensaio. Também mostrando a força da comunidade e aspectos associados aos saberes tradicionais e aos hábitos coletivos, em “Casa de Farinha comunitária de Lagoa de Fora, São Raimundo Nonato, Piauí: materialidades que revelam cotidianos e entrelaçam histórias” Nailton Negreiros Ribeiro *et al* apresentam fotografias que revelam a fluidez das dinâmicas comunitárias e dão ênfase à sua materialidade.

Por fim, a seção de Relatos e Experiências apresenta “Em espirais: um processo de (des)criações e (des)critas”, de Samira Petry, ensaio cujo objetivo é refletir sobre a materialização do processo criativo de escrita, apontando para a arte enquanto mediação da experiência de ser no mundo, do que não escapa o fazer antropológico.

*

O ano de 2025 também foi marcado por uma série de mudanças importantes em termos de política editorial. Adotamos o uso da Taxonomia CRediT, que padronizará e dará maior visibilidade aos papéis desempenhados por cada autor na elaboração dos trabalhos publicados na Proa, de modo a valorizar o trabalho acadêmico e as relações de co-autoria. Considerando ainda o cenário internacional de intenso desenvolvimento tecnológico, sobretudo no campo da Inteligência Artificial (IA), e atentos aos impactos que essas ferramentas têm tido nas pesquisas e universidades, adotamos a Política Sobre Uso de IA. Essa política, baseada em protocolo originalmente adotado pela RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, busca dar transparência e garantir a qualidade dos textos publicados em nosso periódico, prezando por um uso responsável das ferramentas de Inteligência Artificial. Desse modo, a partir de 2026, todas as publicações da Proa deverão não apenas seguir o padrão CRediT de contribuição de autoria, mas também contar com a declaração das pessoas autoras sobre o uso de IA.

Além disso, também tivemos mudanças na composição de nossa equipe. Através da Chamada Única/2025, recebemos inscrições de estudantes de pós-graduação de diversas universidades e regiões do país interessados em atuar como editores e revisores, o que muito nos alegra e reflete não apenas o reconhecimento do trabalho que vem sendo feito, mas também o alcance nacional que a revista tem tido nos últimos anos. Assim, nossa equipe editorial hoje é mais diversa e plural, contando com membros de diferentes gêneros, raças, origens, orientações sexuais e filiação institucional. Acreditamos que essa diversidade tem sido fundamental para o crescimento do periódico e para a ampliação da qualidade editorial. Aliás, fechamos o Volume 15 e o ciclo de 2025 com a excelente notícia de que a avaliação quadrienal do Qualis Periódicos 2021-2024 elevou a classificação da Proa em duas posições para todas as áreas. Somos agora uma revista de nota Qualis A3. Estamos muito orgulhosas dessa conquista e muito gratas a todas as pessoas que vêm contribuindo com esse crescimento. Ao apoiar o trabalho discente e voluntário realizado não apenas na Proa, mas em tantos outros periódicos acadêmicos no Brasil, estamos contribuindo para a valorização da pesquisa científica e para a democratização do conhecimento produzido nas universidades. Seguimos, assim, firmes no compromisso com uma Antropologia cada vez mais engajada, acessível e criativa.

Ressaltamos também que, ao longo de 2025, os recursos da Chamada n. 30/2023 do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES foram essenciais para a realização dos projetos e para a manutenção do periódico, como através do financiamento ao Prêmio Mariza Corrêa de Antropologia Visual 2025 e à edição impressa comemorativa que estamos preparando para o próximo ano. Ainda na esteira das comemorações dos quinze anos de Proa, esta publicação - organizada pelos editores Inácio Saldanha, Jinx Vilhas, Mariana de Carvalho Ilheo e Raabe Bastos - reunirá um balanço das produções do periódico em suas diferentes linhas editoriais e contará com a participação de pessoas que fizeram parte desta trajetória. Ao que tudo indica, o ano de 2026 continuará intenso para a Proa: Revista de Antropologia e Arte.

Por fim, registramos mais uma vez nossos sinceros agradecimentos e desejamos a todas as pessoas uma boa leitura!

As editoras.

Contribuição de autoria: Ambas as autoras contribuíram nas etapas de concepção, elaboração e escrita do texto.

Referências

ALMEIDA, Tayná. “Aniversário Vó Natália”: vinte anos depois. **Proa: Revista de Antropologia e Arte**, 2025. Disponível em: <https://econtents.sbu.unicamp.br/inpec/index.php/proa/article/view/20243>. Acesso em: 11 fev. 2026.

ANJOS, Jean dos. Gira, Pombagira, Gira!. **Proa: Revista de Antropologia e Arte**, 2025. Disponível em: <https://econtents.sbu.unicamp.br/inpec/index.php/proa/article/view/20313>. Acesso em: 11 fev. 2026.

CÓRDOVA, Vinícius Teles. Sons e ruídos de um futuro negro: uma chave de leitura para o poder destrutivo da música em Space is the Place. **Proa: Revista de Antropologia e Arte**, 2025. Disponível em: <https://econtents.sbu.unicamp.br/inpec/index.php/proa/article/view/18374>. Acesso em: 11 fev. 2026.

DAYCHOUM, Mariam. A mágica do timbó: pescaria coletiva no igarapé de águas vermelhas. **Proa: Revista de Antropologia e Arte**, 2025. Disponível em: <https://econtents.sbu.unicamp.br/inpec/index.php/proa/article/view/20180>. Acesso em: 11 fev. 2026.

GODOI, Rodolfo. “Por que eu me monto?”: os sentidos da arte transformista no Distrito Federal. **Proa: Revista de Antropologia e Arte**, Campinas, 2025. Disponível em: <https://econtents.sbu.unicamp.br/inpec/index.php/proa/article/view/19996>. Acesso em: 11 fev. 2026.

GOSTOLI, Renzo. Rainhas da noite. **Proa: Revista de Antropologia e Arte**, 2025. Disponível em: <https://econtents.sbu.unicamp.br/inpec/index.php/proa/article/view/20105>. Acesso em: 11 fev. 2026.

GUIMARÃES, Isabella Alves. Os retalhos de mardina. **Proa: Revista de Antropologia e Arte**, 2025. Disponível em: <https://econtents.sbu.unicamp.br/inpec/index.php/proa/article/view/20108>. Acesso em: 11 fev. 2026.

PERFEITO, Victória. Desenhando os mercados de histórias em quadrinhos em Porto Alegre. **Proa: Revista de Antropologia e Arte**, 2025. Disponível em: <https://econtents.sbu.unicamp.br/inpec/index.php/proa/article/view/20276>. Acesso em: 11 fev. 2026.

PETRY, Samira. Em espirais: um processo de (des)criações e (des)escritas. **Proa: Revista de Antropologia e Arte**, Campinas, SP, v. 15, n. 00, p. e025016, 2025. DOI: 10.20396/proa.v15i00.20038. Disponível em: <https://econtents.sbu.unicamp.br/inpec/index.php/proa/article/view/20038>. Acesso em: 11 fev. 2026.

REZENDE, Vanderliza. Poemas de Vânia Rezende. **Proa: Revista de Antropologia e Arte**, 2025. Disponível em: <https://econtents.sbu.unicamp.br/inpec/index.php/proa/article/view/20291>. Acesso em: 11 fev. 2026.

RIBEIRO, Nailton Negreiros; LINKE, Vanessa; SILVA, Henrique Alcântara e; PAES, Edna Paula de Negreiros; PAES, Samara Sandra de Negreiros; NEGREIROS, Tamires Alves de.

Casa de Farinha comunitária de Lagoa de Fora, São Raimundo Nonato, Piauí: materialidades que revelam cotidianos e entrelaçam histórias. **Proa: Revista de Antropologia e Arte, 2025.** Disponível em: <https://econtents.sbu.unicamp.br/inpec/index.php/proa/article/view/20303>. Acesso em: 11 fev. 2026.

SILVA, Melissa. Luz Neon, Mix de Gêneros e Pole de Palco: nos salões dos puteiros de uma cidade paulistana. **Proa: Revista de Antropologia e Arte, 2025.** Disponível em: <https://econtents.sbu.unicamp.br/inpec/index.php/proa/article/view/20316>. Acesso em: 11 fev. 2026.

VIDAL, Leonardo. Saberes do taboal: fotoetnografia com artesãs e artesãos quilombolas. **Proa: Revista de Antropologia e Arte, 2025.** Disponível em: <https://econtents.sbu.unicamp.br/inpec/index.php/proa/article/view/19995>. Acesso em: 11 fev. 2026.

WAINER, Daniel. Objetivando um mundo sonoro: lugares, pessoas e objetos no ritual de produção musical. **Proa: Revista de Antropologia e Arte, 2025.** Disponível em: <https://econtents.sbu.unicamp.br/inpec/index.php/proa/article/view/20274>. Acesso em: 11 fev. 2026.

Submetido em: 11 fev. 2026.
Aprovado em: 11 fev. 2026.

Verificado por análise de similaridade do Turnitin.



“O apagar das luzes: editorial, volume 15”, de autoria de Júlia Vargas e Mariana de Carvalho Ilheo, está licenciado sob CC BY 4.0.

